

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2



Fabiano Eloy Atílio Batista
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2



Fabiano Eloy Atílio Batista
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

- Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliãni Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação sexual, sexualidade e gênero e diversidade sexual: trilhando caminhos para uma educação emancipadora 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação sexual, sexualidade e gênero e diversidade sexual: trilhando caminhos para uma educação emancipadora 2 / Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-941-7

DOI 10.22533/at.ed.417211504

1. Educação sexual. 2. Sexualidade. 3. Identidade de gênero. 4. Diversidade sexual. 5. Educação. I. Batista, Fabiano Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 372.372

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Prezados leitores e leitoras;

“Gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado”.

(Guacira Lopes Louro)

As discussões sobre Gênero, Sexualidade e Diversidade não é recente, mas, ganha contornos importantes a partir dos anos 60, com os movimentos de “contracultura”, os movimentos feministas, com a luta dos direitos da comunidade LGBTQIA+ e com a sistematização e ampliação teórica-metodológica de diversas pesquisas acadêmicas, especialmente as do campo da Educação.

Assim, pode-se entender que Gênero e Sexualidade é uma construção social, cultural e histórica que se constituem como assuntos amplos presentes em diversas instâncias da sociedade, embora ainda sejam permeados por diversos “tabus” (principalmente na contemporaneidade).

Discutir questões sobre Gênero e Sexualidade, em especial no campo da Educação, se mostra como um mecanismo potencializador de emancipação dos sujeitos em sociedade, uma vez que oportuniza um aprendizado em relação à vida sexual, a combater formas de preconceito e opressão nas relações sociais.

Nesse sentido, o livro **Educação Sexual, Sexualidade e Gênero e Diversidade Sexual: Trilhando Caminhos para uma Educação Emancipadora 2**, reuni, ao longo de 13 capítulos, discussões contemporâneas, críticas e necessárias para o debate acerca das discussões sobre Gênero, Sexualidade e Diversidade, sobretudo em um contexto de forte conservadorismo político e religioso.

Os textos aqui apresentados estão organizados de forma sistematizada e pedagógica, e são apresentados dentro dos principais eixos: Educação; Envelhecimento, Feminismo, Patriarcado, dentre outros aspectos que permitem aos leitores e leitoras um momento de grande reflexão em torno das questões de Gênero, Sexualidade e Diversidade.

Espera-se que os textos aqui reunidos possam contribuir para ampliação dos debates acerca das categorias de Gênero e Sexualidade em diversas instâncias sociais, sobretudo no campo da Educação que é tido como um espaço de suma importância para formação, discussões e acessos a informações para os debates de gênero, sexualidade, diversidade sexual, masculinidades, feminilidades, entre outras categorias de suma importância social.

Desejamos a todos e todas, uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: CONFLITOS E DESAFIOS NA FORMAÇÃO DOS JOVENS

Neide Abadia Carneiro

Viviane Aparecida da Silva Paiva

Joelma Fernanda de Sales Carneiro Dutra

Anaiara Lourenço da Silva

DOI 10.22533/at.ed.4172115041

CAPÍTULO 2..... 16

O DISCURSO DA SEXUALIDADE NO CONTEXTO FAMÍLIA E ESCOLA

Lucyélen Costa Amorim Pereira

Andréa Ferreira da Costa

Adriana de Medeiros Marcolano Thebas

Mayara Cazadini Carlos

DOI 10.22533/at.ed.4172115042

CAPÍTULO 3..... 25

SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE: MITOS E TABUS

Mylena Menezes de França

Ivana Suely Paiva Bezerra de Mello

Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa

Silvana Barbosa Mendes Lacerda

DOI 10.22533/at.ed.4172115043

CAPÍTULO 4..... 38

ENVELHECIMENTO FEMININO E O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Daniela Soares da Silva

Simone Pereira da Costa Dourado

DOI 10.22533/at.ed.4172115044

CAPÍTULO 5..... 49

ENTRE COSTUMBRES Y RUPTURAS

Nancy Zárate Castillo

Gloria Patricia Ledesma Ríos

DOI 10.22533/at.ed.4172115045

CAPÍTULO 6..... 61

COISAS QUEBRADAS: AFETIVIDADES DESVIANTES

Ludmila Castanheira

Lua Lamberti de Abreu

DOI 10.22533/at.ed.4172115046

CAPÍTULO 7	67
GÊNEROS, VULNERABILIDADES E OPRESSÕES: UM ESTUDO A PARTIR DA TEORIA DA INTERSECCIONALIDADE E DA OBRA NAVALHA NA CARNE, DE PLÍNIO MARCOS	
Julia de Albuquerque Barreto	
Lucas Henrique de Lucia Gaspar	
DOI 10.22533/at.ed.4172115047	
CAPÍTULO 8	85
NOTAS PRELIMINARES SOBRE CAPITALISMO E PATRIARCADO: O DEBATE ENTRE A TEORIA UNITÁRIA E O FEMINISMO MATERIALISTA	
Clara Gomide Saraiva	
DOI 10.22533/at.ed.4172115048	
CAPÍTULO 9	97
A (IM)POSSIBILIDADE DE OBJECÃO DE CONSCIÊNCIA DOS MÉDICOS NA UTILIZAÇÃO DAS TÉCNICAS DE REPRODUÇÃO HUMANA ASSISTIDA POR PESSOAS HOMOSSEXUAIS, SOLTEIRAS E TRANSGÊNERAS: UMA PERSPECTIVA CONSTITUCIONAL INSPIRADA NA TEORIA RAWLSIANA DE JUSTIÇA COMO EQUIDADE	
Iara Antunes de Souza	
Priscilla Jordanne Silva Oliveira	
Rafaela Fernandes Leite	
DOI 10.22533/at.ed.4172115049	
CAPÍTULO 10	110
SAÚDE E SEXUALIDADE DA POPULAÇÃO LGBTQIA+ NOS DOMÍNIOS DO CROMÁTICO DISCURSIVO DAS CAMPANHAS DE PREVENÇÃO	
Claudemir Sousa	
Vandiel Barbosa Santos	
DOI 10.22533/at.ed.41721150410	
CAPÍTULO 11	127
TRANSFOBIA E AS POLÍTICAS DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS NO BRASIL	
Fernando dos Santos Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.41721150411	
CAPÍTULO 12	140
A INTERFERÊNCIA DA MASCULINIDADE TÓXICA NO FUTURO DA LUTA PELA IGUALDADE DE GÊNERO	
Nathan Nahas	
Matteo Henrique Sartore	
Letícia Oliveira Lima	
Beatriz dos Santos Rissi	
Barbra Kei Yaguiui Knorst	
Cristina Landgraf Lee	
DOI 10.22533/at.ed.41721150412	

CAPÍTULO 13.....	154
O SISTEMA DE JUSTIÇA CRIMINAL COMO UM MECANISMO DE REFORÇO DA VIOLÊNCIA ESTRUTURAL NO UNIVERSO FEMININO	
Thalita Araújo Silva	
Yollanda Farnezes Soares	
DOI 10.22533/at.ed.41721150413	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	166
ÍNDICE REMISSIVO.....	167

CAPÍTULO 5

ENTRE COSTUMBRES Y RUPTURAS

Data de aceite: 01/04/2021

Nancy Zárate Castillo

Psicóloga, Psicopedagoga, doctora en Ciencias Sociales y Humanísticas, Profesora de Tiempo Completo en la Facultad de Humanidades de la Universidad Autónoma de Chiapas

Gloria Patricia Ledesma Ríos

Comunicóloga, maestra en Psicología Social, Profesora de Tiempo Completo en la Facultad de Humanidades de la Universidad Autónoma de Chiapas

RESUMEN: Nuestra constante y permanente vinculación con organizaciones feministas y sociales en la zona de Los Altos de Chiapas desde la Universidad Autónoma de Chiapas nos llevo a encontrarnos con Juanita, joven indígena habitante de Santiago El Pinar, municipio que aparece entre la lista de los que presenta menor desarrollo humano entre sus habitantes. Su historia nos cautivo desde el inicio y no solo por su autodeterminación, carisma humor y su sentido compromiso con las mujeres de su tierra, si no porque su historia nos da la pauta para ir tejiendo elementos cruciales e identificar las acciones que mujeres indígenas realizan para incorporarse a diversos espacios públicos donde reconstruyen saberes, formas de vida, relaciones interpersonales para que a través de su historia se percaten no solo las lideres sino sus compañeras de las rupturas que realizan sin menoscabo de sus usos y costumbres, pero si con la intención de buscar espacios de igualdad

al interior de sus comunidades. Desde la narrativa de Juanita emprendimos un camino con destino a la comprensión de elementos que han distinguido por un lado a su vida familiar y comunitaria, y por el otro a su subjetividad, imprescindibles ahora para su trabajo comprometido en su comunidad a favor de la igualdad de género y los derechos sexuales y reproductivos. Fue la entrevista a profundidad, la observación participante y la convivencia en diferentes contextos en el que se desenvuelve nuestra sujeta de estudio y el análisis acompañado de teoría y empirismo lo que ha permitido construir una narrativa con saberes de las prácticas positivas a favor de la transformación social, primero de las relaciones interpersonales privadas para posteriormente trastocar diversos espacios sociales, políticos, y económicos incluido usos y costumbres de las comunidades a que pertenecen.

PALABRAS CLAVES: Mujeres, ciudadanía, empoderamiento, gobierno.

ABSTRACT: Our constant and permanent relationship with feminist and social organizations in the Los Altos de Chiapas area from the Autonomous University of Chiapas led us to meet Juanita, a young indigenous inhabitant of Santiago El Pinar, a municipality that appears among the list of those with the lowest human development among its inhabitants. Her story captivated us from the beginning and not only because of her self-determination, charisma, humor and her heartfelt commitment to the women of her land, but also because her story gives us the guidelines to weave crucial elements and identify the actions that indigenous women carry out to join various

public spaces where they reconstruct knowledge, ways of life, interpersonal relationships so that throughout their history not only the leaders but their companions realize the ruptures they carry out without prejudice to their uses and customs, but with the intention of seek spaces of equality within their communities. From Juanita's narrative we embarked on a path towards understanding elements that have distinguished, on the one hand, her family and community life, and on the other, her subjectivity, essential now for her committed work in her community in favor of equality. gender and sexual and reproductive rights. It was the in-depth interview, participant observation and coexistence in different contexts in which our subject of study develops and the analysis accompanied by theory and empiricism that has allowed us to build a narrative with knowledge of positive practices in favor of transformation social, first of private interpersonal relationships to later disrupt various social, political, and economic spaces including uses and customs of the communities to which they belong.

KEYWORDS: Women, citizenship, empowerment, government.

INTRODUCCIÓN

Lo comunitario se teje con historias individuales, de personas con significaciones e interpretaciones llenas de simbolismos y realidades diversas; valiosas para sí mismas, que vistas en retrospectiva van cobrando importancia en las interacciones sociales por la influencia que ejercen, en muchas ocasiones sin proponérselo en las colectividades; tal es el caso de Juanita, biografía que retomamos en este artículo para reflexionar alrededor de la forma en la que algunas historias de vida siembran semillas de cambios sociales, desde las formas de convivencia hasta transformaciones con su insurrección en los usos y costumbres de un pueblo.

Porque jamás se debe dejar de lado la situación de género que se expresa de manera concreta las particularidades que viven las mujeres; la cual se objetiviza en las condiciones sociales en las que nace y se desarrolla, en las actividades que realiza, cómo las cumple, cómo las vive; los significados que da a sus roles, la relación que entabla con su mismo género y con los varones, su cultura, sus tradiciones, costumbres, ideologías, pensamientos, creencias, su identidad y subjetividad, lo que da pauta a ubicar las realidades concretas en las que viven las mujeres en momentos históricos determinados.

LOS CAMINOS

Durante los últimos cincuenta años hemos sido testigos de vertiginosos cambios sociales, políticos y económicos en América Latina, que han implicado avances y retrocesos en la vida de las mujeres. Si bien en México no habido regímenes militares ni dictaduras durante este periodo de tiempo si hay cambios en la vida cotidiana, que aunque llenos de precariedad, inseguridad, pobreza, vulnerabilidad y marginación principalmente para las mujeres, no ha impedido el logro de más derechos en busca de la igualdad, "sobresalen entre éstos la tendencia a una disminución general de la fertilidad en todo el continente,

interrelacionada con la elevación de los niveles de educación y empleo entre ellas, un debilitamiento de los acuerdos patriarcales dentro del hogar –asociado, entre otras cosas, a la tendencia ascendente en el divorcio y el número creciente de mujeres -cabeza de familia,”(Chant & Craske, 2007:35).

Desde los años setenta existe en Latinoamérica un feminismo organizado con demandas claras en torno a la erradicación de la violencia de género, la maternidad libre y voluntaria, principalmente, luchas que se vieron plasmadas en documentos como el de la Convención sobre la Eliminación de todas las formas de Discriminación contra la Mujer (CEDAW); de igual manera el concepto de perspectiva de género logró influir de manera puntual tanto en la academia como en las políticas públicas, alcanzando con ello su incorporación en legislaciones políticas, programas, políticas públicas e instituciones, que no únicamente ha permitido el fortalecimiento del movimiento social sino también de base para las políticas públicas de diferentes gobiernos que han implementado acciones a favor de la igualdad de género.

¿Pero, realmente ha cambiado la vida de las mujeres?, sin lugar a dudas sí; posicionar el tema de la libertad de las mujeres en la vida política y pública de la sociedad sigue siendo relevante, las diversas voces que se han expresado a lo largo y ancho de América han dado muestra de la diversidad de realidades en las que vivimos las mujeres y es impostergable su atención por parte de todos los sectores sociales.

A pesar de que actualmente se cuenta con leyes, programas e incluso institutos que atiendan las demandas de las mujeres en México, siguen vigentes las demandas que dieron forma al movimiento feminista de los años sesenta y setenta, hoy tenemos en contra la idea errónea de que se han resuelto en su totalidad las demandas de las mujeres en diferentes ámbitos dejando la responsabilidad a cada mujer de su vida y responsabilizándola de la misma; ante esto las mujeres de todas las latitudes hemos buscando, creado, y trazado formas de continuar el camino hacia la emancipación, en este artículo narramos una de estas tantas formas.

LOS RETOS

Si vemos a través de la historia reciente la forma en cómo mujeres y varones nos construimos como sujetos y sujetas, se pueden distinguir dos momentos históricos: la modernidad y la posmodernidad, según Bauman Z. (2005), la modernidad estuvo definida por la búsqueda de absolutos universales, derechos humanos, justicia social, un equilibrio entre cooperación pacífica y auto-afirmación, la búsqueda de lo correcto e incorrecto, con una moralidad basada en la creencia de un código de ética no ambivalente ni aporético, quizá con grandes posibilidades para los humanos y humanas de emancipación tanto en la vida privada como en la pública, sin embargo, con la idea de estar en contra de estos universalismos y fundamentalismos, de romper con la imposición de dogmas y morales

absolutas, los sujetos hemos ponderado al individualismo, hasta llegar a preocuparnos por uno mismo exclusivamente, casi en el egoísmo, y esto ha dado paso a la posmodernidad, la cual esta moldeada y basada en el presente, en el aquí y ahora, en el consumismo, caracterizada por la indeterminación institucional, sin una jerarquía acordada de normas y valores, es decir, ahora todo se vale, todo está justificado, y lo que nos pasa o deja de pasar es responsabilidad únicamente del sujeto y de la sujeta, se nos ha vendido bien la idea de que nos hemos liberado de las obligaciones absolutas y se ha deslegitimizado la idea del autosacrificio; y es precisamente en este contexto, con estas premisas que vivimos las personas, y que esta idea no cabe luchar por la emancipación de los sujetos, pareciera ser como asegura Jaques Rancieré, (2004), hay una crisis del sujeto revolucionario y sobre todo si consideramos que la perspectiva de género se ha institucionalizado y se cree que se ha tomado muy en serio la resolución de los asuntos relacionados con la opresión y dominación de las mujeres por parte de todo el sistema patriarcal; sin embargo son incompatibles el feminismo y la posmodernidad, ya que el segundo plantea la muerte del sujeto, y para el feminismo eso es impensable; “puede que el pensamiento posmoderno no solo elimine con sus conclusiones la especificidad de la teoría feminista, sino que ponga enteramente en cuestión los mismo ideales emancipatorios de los movimientos de la mujer”(Benhabid, 2005:325).

Así, en tiempos complejos las feministas continuamos luchando por la emancipación de las mujeres, tal es el caso de las zonas indígenas del estado de Chiapas, México, en donde con el pretexto de los usos y costumbres se violan día a día los derechos fundamentales de niñas, adolescentes y mujeres; sin embargo, esto no ha sido motivo para detener el entusiasmo y trabajo organizado de varias asociaciones que desde décadas atrás trabajan para romper con la condición de opresión y subordinación que viven las mujeres de la zona.

Aunque el panorama en ocasiones se torna desolador, podemos afirmar que no hay esfuerzo menor que no dé frutos dulces en el árbol de la vida, y el trabajo que se realiza con y para las mujeres es un ejemplo de ello; hoy a través de la vinculación entre instituciones de educación superior, organizaciones civiles y comunidad relatamos esta historia que podría ser motivadora para cuando los ánimos se ven disminuidos ante tantas injusticias sociales y ante la mutación constante de un sistema patriarcal devorador.

LOS ENCUENTROS

Nuestra vida académica no se limita únicamente a las aulas universitarias, nuestro compromiso abarca mucho más, y es precisamente en esos caminos que coincidimos con Juanita. La conocimos en la escuela de liderazgos¹, ella es líder en su comunidad Santiago

1 La escuela de liderazgos de mujeres indígenas bajo la responsabilidad del Colectivo Feminista Mercedes Olivera y Bustamante (COFEMO).

El Pinar, municipio de reciente creación² ubicado en Los Altos de Chiapas, México, zona eminentemente indígena, con las características de lo que implican estos territorios en nuestro país: marginación social, bajo desarrollo humano, pobreza, desigualdad, entre otros; ella a diferencia de muchas de las asistentes es joven, bilingüe, cuenta con una licenciatura en psicología, siempre esta riéndose y es menos tímida que el resto.

Nuestro acercamiento con ella es debido a la solicitud de acompañamiento en materia de derechos sexuales y reproductivos, al ser una joven líder social en su comunidad las instituciones de salud la contactan para solicitar su apoyo ya sea en la difusión de programas o de materiales, dejándole a ella y a su organización la responsabilidad de los mismos, en este caso, la distribución de preservativos en la población joven del municipio, su organización se dedica únicamente a la repartición de los condones sin una información previa para su adecuado uso entre los jóvenes, es en el intercambio de saberes³ que conocemos su historia, que ahora la compartiremos.

Juanita tiene 27 años, nació en el año de 1992 dos años antes del estallido revolucionario en el sureste mexicano del Ejército Zapatista de Liberación Nacional (EZLN) –aproximadamente a 30 km. de su comunidad actualmente esta Oventic caracol zapatista⁴-, aunque refiere que su comunidad se ha mantenido al margen del movimiento zapatista, su vida se ha desarrollado paralelamente a los cambios que se han suscitado en la zona que irremediamente prosiguieron con la aparición en la vida comunitaria y social de dicho ejercito. Juanita relata parte de su infancia en las siguientes líneas:

“desde niña lo visible, unos de los problemas han sido la mala repartición de los roles de género, en Santiago El Pinar siempre ha dicho que por usos y costumbres le toca a la mujer ser mamá, ama de casa, desde niñas nos enseñan a trabajar, a cuidar, hacer tortillas, a preparar los alimentos, a cuidar a nuestros hermanitos para cuando nos casemos no tengamos problemas de cómo cuidar y atender, principalmente al marido sobretodo y a los hijos, yo desde los 7 años que me recuerde, yo si lo disfrute mucho mi niñez porque salía, jugaba, brincaba, corría, hacía de todo, muchos he escuchado que dicen que copiamos a los mestizos, vemos la tele, los medios de comunicación, internet, redes sociales, pero a mí por ejemplo no tuve la fortuna de tener internet, no teníamos ni televisión; no sabía si se llamaba injusticia para las mujeres, en mi cabeza siempre he sido muy inteligente y muy analítica de preguntarle a mis papás por qué las mujeres o por qué los hombres, una vez le pregunte a mi papá que por qué no hace tortillas por ejemplo, y él con su cara de tristeza también por no saber contestarme me decía la sociedad así lo ha dicho...pero la verdad yo tuve muchos privilegios, porque yo salía mucho, incluso en mi escuela le preguntaba a mis compañeras que si sabían jugar canicas, futbol, basquetbol y me decía que no y me daba una gran tristeza

2 Es declarado municipio independiente en 1999, lo cual se logra con el apoyo de las bases del ejercito Zapatista de Liberación Nacional (EZLN).

3 La Dra. Nancy Zárate estuvo al frente muchos años de la coordinación de la Red por los Derechos Sexuales y Reproductivos en México DDESER, cuenta con expertis en el tema

4 Allí se encuentra la Junta del Buen Gobierno del Ejército Zapatista de Liberación Nacional. Por su ubicación estratégica, para los turistas y los medios de comunicación, es el corazón del zapatismo y uno de los cinco caracoles de autonomía y resistencia donde el EZLN aplica su lema de “mandar obedeciendo”.

en verlas y escucharlas.....todo eso lo veía como injusticia, y más que en la escuela no me dejaban participar, me decía la profesora que mirara a las otras niñas que estaban calladas y no como yo que hablaba y preguntaba” (Juanita, febrero 2020).

Su familia nunca la limitó para que jugara juegos considerados de “niños”, ni la obligaron a que realizara las actividades domésticas, pues no sabía tortear⁵ y

“en cambio hacia cosas de hombres y me gustaba que me aceptaran en su círculo y hoy me doy cuenta que era una forma también de discriminación pues decía que ellas –sus compañeras- eran débiles y que no les hicieran caso o no las tomaran en cuenta para los juegos. Hoy me doy cuenta de eso, antes no” (Juanita, febrero 2020).

En la adolescencia percibe que si los varones son más inteligentes es por toda la gama de actividades que tienen y el acceso a la información a través de libros, internet, y movilidad lo cual fortalece su inteligencia, en cambio las mujeres indígenas no, solo están confinadas a las tareas domésticas, “aunque me gustaba juntarme con ellos –varones- pero jamás hablamos de desigualdades o de pobreza”. (Juanita, febrero 2020). Es también es esta etapa que por los cambios sexuales característicos de la pubertad vive experiencias que le permiten darse cuenta de las diferencias no únicamente sociales sino también biológicas entre los géneros, una de ellas es la menarca, la cual la describe así:

“Aunque platicábamos con mis hermanas y mi mamá sobre temas de mujeres, nunca profundizamos porque a mi mamá le da mucha pena hablar de su propio cuerpo y de lo que pasa en él y tal fue el caso de que cuando tuve la menarca no sabía lo que pasaba incluso sentí mucho miedo porque pensé que me había lastimado porque estaba jugando subiéndome a un árbol; al llegar a mi casa no fui capaz de decirle a mi mamá que estaba sangrando por miedo y por vergüenza, pero mi papá me llevó al doctor pero fue difícil entendernos con el doctor porque él era mestizo y yo no hablaba español solo hablaba yo tsotsil, solo logre entender que lo que me pasaba era menstruación, pero mi papa tampoco le entendió....me dijeron que debería usar toallas femeninas, las compramos y las empecé a usar, pero la sangre se escurría entre mis piernas, hasta que me di cuenta que las toallas femeninas me las ponía al revés, jajajaja” (Juanita, Septiembre 2019).

Este suceso biológico la identifica con su género, y descubre que ella también es discriminada como las otras mujeres, es decir hay una toma de conciencia de su ser social y al mismo tiempo descubre la fuerza de la unión, como única posibilidad transformadora para la emancipación de las mujeres:

“Afortunadamente también me he encontrado con varias personas de diferentes personalidades e ideologías que me han ayudado a fortalecer mi corazón porque sentía mucho también el rechazo, la discriminación y todo eso no, y cuando llegue a la secundaria pues una etapa de adolescente muy diferente, porque ahí encontraba adolescentes de la cabecera que tienen un poco la ideología diferentes, ahí me di cuenta que hacía falta trabajar conmigo

5 Elaborar tortillas de manera artesanal.

misma y con las compañeras para fortalecernos y aliarnos sobretodo....como mujeres indígenas tenemos que trabajar triplemente para que nos acepte la sociedad, para qué igual los derechos no se regalan, nadie nos los pueden regalar, yo he luchado siempre, niñez, juventud y hasta ahora exigiendo justicia para que sea equitativo de acuerdo a las necesidades de cada persona” (febrero 2020).

LAS SUBJETIVIDADES

Los procesos de intercambio social se viven cotidianamente, no podemos reducirlos, por sencillos o comunes que parezcan. Por el contrario, éstos día a día son complejos y requieren un minucioso estudio para su entendimiento. Este intercambio social tiene su base en lo relacional, es decir, al momento de nacer el ser humano entra en contacto con una red social que lo ira configurando como un ser producto de su época, tiempo y geografía, él sujeto se investirá de representaciones y significados que le dará a su propia experiencia lo cual conformará en su interioridad la subjetividad, la cual es un proceso continuo y dialéctico que va haciendo la persona y la constituye como un ser único en relación a aspectos de su existencia social como el género, la escolaridad, la etnia, la religión, la clase social, la geografía entre otras.

La interacción y relación con los otros, lo que se considera el mecanismo de socialización no únicamente configura lo subjetivo en las mujeres y varones sino también a la identidad como cualidad fundante del sujeto que se remite a la autopercepción (Veléz, 2008:63). Para Erick Erikson es un “sentido subjetivo de una existencia continua y de una memoria coherente, sentimiento de mismidad y continuidad como individuo” (1994:600); para el autor es necesario retomar la historia del grupo, los roles asignados y los valores concedidos a los mismos para comprender la adherencia y pertenencia a una identidad en particular (Zárate & Ledesma, 2019:30).

Ahora bien, la construcción de la subjetividad e identidad no es estática e inamovible, congelada en el tiempo, todo lo contrario, es un suceso constante con momentos vitales en la vida para su constitución, como por ejemplo la adolescencia, con aspectos cognitivos que abonan a la constitución de la subjetividad en las mujeres como sujetas de derechos, tal es el caso del *juicio crítico* que aparece o está ligada a percepciones de injusticia (Burin, 1996) y desigualdades, puede conducir a una ruptura con el modelo identitario y a cierto distanciamiento con las figuras originarias –generalmente los padres- y junto con el *deseo hostil*⁶, se reorganizan, reorientan y resignifican la vida en tanto mujeres como sujetas de derechos y no como objetos de otros, “como sabemos cada persona recibe la diversidad de influencias sociales mediatizada por la cultura, por tanto una misma realidad social es recibida e influye en cada persona, de forma variada; la respuesta consecuente y su

6 Mabel Burín (1996:78) lo describe como un deseo diferenciador, cuya constitución y despliegue permite la gestión de nuevos deseos, por ejemplo del deseo de saber y del deseo de poder.

influencia en la subjetividad individual y en la construcción de la social resulta también variada” (Vasallo, 2012:58).

“como mujeres indígenas tenemos que trabajar triplemente para que nos acepte la sociedad, para qué igual los derechos no se regalan, nadie nos los puede regalar, yo he luchado siempre, niñez, juventud y hasta ahora exigiendo justicia para que sea equitativo de acuerdo a las necesidades de cada persona” (febrero 2020).

La vida de Juanita a nivel subjetivo ha estado influenciada por diversos sucesos -como la vida de todos-, sin embargo, hay que resaltar que su curiosidad, su capacidad analítica y dudas que expresó a partir de su adolescencia encontraron resonancia por el momento histórico que se vivía, había un proceso de cambio social no solo en Latinoamérica sino específicamente en su región, y esto permitió que a Juanita no le fueran acalladas sus dudas, sino por el contrario hubo un terreno fértil para esa “rebeldía” por la insurgencia que se vivía en su zona geográfica, que si bien su localidad no estaban directamente inmiscuidos fue imposible dejar de recibir noticias, comentarios, influencias e incluso beneficios.

LAS RUPTURAS

Es bien sabido por todos que las familias en las comunidades indígenas son el espacio para la producción y reproducción social, así como para la construcción de las identidades de género, clase y etnia (Olivera, 2011: 51). En las comunidades indígenas de Los Altos de Chiapas cohabitan pobreza, marginación y altas brechas de desigualdades entre los géneros; las mujeres estas cosificadas en el ámbito doméstico dedicadas a la reproducción, crianza de los hijos y al trabajo doméstico, además cuidar del huerto familiar y de elaborar piezas artesanales que ayudan al sustento familiar.

El matrimonio es una de las costumbres consideradas como más naturales entre estas comunidades y cuando los hijos de las familias están en la pubertad pueden empezar a pactar sobre su unión sin tomar en cuenta lo opinión de los púberes, es más aún se puede pactar un precio “que los padres de ella consideran justo según la edad, la virginidad y las cualidades de la hija” (ibidem). Pero estos usos y costumbres se han modificado en la familia de Juanita.

Su familia está compuesta por 12 miembros, sus padres⁷ y 10 hijos: hija 1, 35 años, hijo 2, 33 años, hija 3, 31 años, hija 4, 29 años, hija 5, 27 años, hija 6, 25 años, hijo 7, 22 años, hija 8, 20 años, hijo 9, 17 años e hijo 10, 11 años. De los cuales solo su hermano de 33 años y su hermana de 29 años están casados y ambos tienen un solo hijo. Su padre es de ocupación campesino y de eso ha mantenido a su amplia familia, solo dos de sus hijos han asistido a la universidad, una de ellas es Juanita y otra hija es enfermera, todos han tenido acceso a la educación básica.

⁷ Aunque refiere que su mamá tuvo 13 embarazos.

“para mi papá fue muy duro, incluso veíamos con tristeza cuando nos decía “por favor hijas ya compórtense, sean niñas” nos decía, porque yo era muy rebelde y siempre le contestaba, incluso le decía y por qué a mi hermano no le dices nada, porque él se iba mucho a Larraizar (municipio aledaño) a ver películas y nosotras solo estamos jugando aquí, incluso hasta traemos verduras, y lo que hacíamos era jugar, subirnos a los arboles a cortar frutas, a mi me encanta subirme a los arboles, incluso una vez un tío nos vio, no nos dijo nada pero con la mirada lo dijo todo y al tercer día que volvimos a ir al árbol nuestra sorpresa fue que ya lo había tirado solo porque nosotras como mujeres nos habíamos subido al árbol, porque es de mala suerte, es mala energía, para él, eso lo veíamos como rechazo como mujeres y platicábamos mucho con mi papá y le decíamos que no se preocupara que nosotras nos íbamos a portar bien, y él nos decía que no era necesario que nos casáramos si no queríamos, que él nos podía dar comida, casa y todo eso, jamás nos faltó el respeto, incluso dormíamos con mi papá, no como otros caso que he oído que los padres abusan sexualmente de sus hijas; ni con mis primos paso nada, nosotros nada más nos interesaba jugar, jugar y jugar he reflexionado y creo que nos ayuda mucho que mi papá es creyente católico a nuestro modo, no somos tan correctos como dice la Biblia, son cosas que siempre nos decía mi papa, la religión nos ha ayudado, porque nos hablaban en el catecismo, nos hablaban mucho de que debíamos amarnos unos a otros, entre hermanos, papás, y eso nos ha fortalecido mucho, ese lazo de amor entre familia y hemos sabido salir adelante a pesar de las críticas y obstáculos, de lo que le decían a mi papa que no sabía cómo educarnos porque parecíamos hombres y estamos muy agradecidas con nuestro papa, mi hermana mayor que tiene 36 años no se ha casado, aun cuando llegan muchos hombres a pedirla a mi papa para que se case, pero no quiere que sufra violencia doméstica o malos tratos y mi papa respeta la decisión de mis hermanas, yo creo que si mis hermanas se hubieran casado yo no sé cuántos hijos tendría ahora”(marzo 2020).

Si bien los aspectos de su familia, la apertura, paciencia, y afecto de sus padres han permitido que Juanita a nivel subjetivo vaya transformado su propia identidad y en esa medida a influido en su grupo social y su localidad, pues son muchos jóvenes los que se han beneficiado con su trabajo, su transformación social ha salpicado a toda una generación, así como las ondas que se forman en una laguna cuando se arroja una piedra, el efecto no se limita a una sola porción de agua si no se afecta a la totalidad.

Las transformaciones que trajo consigo el triunfo revolucionario, y que se expresan claramente en el discurso jurídico y político y la situación económica de la mujer, no influyen directamente en la subjetividad de todas las personas; sino que resultan mediatizadas por la influencia de la cultura patriarcal, que en forma de tradiciones, costumbres, normas y valores, trasmite fundamentalmente la familia y en particular la propia mujer como madre, en su función educativa a las nuevas generaciones marcando las nuevas subjetividades, como también son transmitidas por los diferentes agentes de socialización como la escuela, la comunidad, los grupos de amigos, los medios de comunicación como los más significativos; desde los feminismos se insiste y se actúa en la transformación de las relaciones de género para romper los ciclos de sumisión y subordinación en las mujeres

y se vayan constituyendo como sujetas de derechos, ha sido un camino con avances y retrocesos pero jamás con caídas irreparables sino por el contrario cada día son más mujeres en diferentes ciudades, escuelas, localidades, fabricas, casas, calles, mercados que toman conciencia y se suman a la búsqueda de mejores condiciones de vida para ellas y las futuras generaciones, ejemplos sobran y aunque sabemos que los enemigos son muchos la conquista de la igualdad es inevitable:

“Aunque no encuentro palabras en tsotsil, es muy complicado para mi explicar lo que es una mujer feminista, yo si me considero feminista y jamás me arrepentiré de haber elegido porque me hace fortalecer a las otras compañeras, nunca me arrepiento porque que se muchas niñas van siguiendo mi camino hasta incluso llegan a decirme cuando ven que voy llegando y me dicen “dónde fuiste, quisiera ser como tú” “cómo le hiciste para salir de esto, qué le hiciste a tus papás, qué palabras les dijiste”, estar palabras son para fortalecerme, para mi alimentar mi alma, mi espíritu, aunque a veces me siento sola, muchas compañeras en los eventos me dejan sola, porque falta compromiso de parte de las compañeras” (Marzo, 2020)

LAS FORTALEZAS

Las transformaciones de las relaciones entre los géneros, la conquista de los derechos humanos y el derrumbe de las desigualdades, de las inequidades e injusticias impactan en la vida de las personas, con ello es posible vivir en comunidades y grupos humanos con bienestar, libre de violencia con la viabilidad de poner en práctica capacidades, habilidades e inteligencias al servicio de la misma comunidad y de esa manera retroalimentarse continuamente; pero estos procesos implican el trabajo continuo y convencido de todas las instituciones sociales, en América Latina este esfuerzo ha estado en manos de las organizaciones sociales que a ratos con cansancio no ha claudicado, sin embargo es gratificante saber y dar cuenta de las transformaciones a través de historias de vida como la de Juanita, que impulsan y dan la certeza de ir por el sendero correcto.

Como forma de sistematizar la experiencia y contar con los elementos que brinden claridad e incluso convertirlos en saberes que puedan ser compartidos en otras comunidades, enumeramos las prácticas que a partir de su relato identificamos como fortalezas en la vida familiar de Juanita que han permitido su constitución en una mujer sujeta de derechos:

- 1.- Ruptura con los usos y costumbres de la comunidad en su propia familia, es decir, las prácticas, costumbres y normas fueron cambiadas de acuerdo al pensamiento de sus padres, a pesar de las críticas y rechazo hacia su padre por parte de sus iguales en la comunidad por las concesiones que le ha dado a sus hijas principalmente.
- 2.- La prioridad en la crianza de los hijos en la familia de Juanita es el bienestar integral de sus hijos e hijas, con dos preceptos fundamentales: el afecto y la no violencia; hechos que garantizan un desarrollo humano deseable, está comprobado

que independientemente de las condiciones económicas de los niños estos dos factores nutren los aspectos físicos y psicológicos durante su desarrollo ontogénico.

3.- Práctica de una vida espiritual, aunque se definen como creyentes católicos no se someten a sus normas y rescatan los valores positivos de su religión sin caer en fanatismos.

4.- Lo anterior resulta en una autodeterminación y pensamiento crítico en Juanita con miras en la búsqueda de mejores condiciones de vida no únicamente personales sino colectivas.

“había algo en mí que me decía que debía seguir buscando, y así lo hice, hasta que encontré varias organizaciones que me hicieron ver muchas cosas que en Santiago el Pinar no lo veía, por ejemplo en impacto textil, una organización que trabaja con mujeres artesanas, ahí me fortalecieron mi liderazgo y cuando esa organización me contacto porque vieron mi liderazgo me contactaron para ver si quería formar un grupo de mujeres en Santiago El Pinar en el área de textil y por supuesto que me nació formar mujeres, y desde ese entonces sentí que mi corazón se tranquilizó y era lo que yo quería hacer, aunque si trabajábamos porque hacíamos replicas, por ejemplo el diplomado de políticas públicas, así como el tema de salud sexual y reproductiva, incluso trabajé en 5 municipios, lo cual me fortaleció mucho como mujer indígena, en todo este recorrido conocí a COFEMO y ahí hice un giro en todos los aprendizajes” (Marzo 2020).

Actualmente Juanita vive en su comunidad Santiago El Pinar, ha formado una organización civil “Xojobal Jbetik” que trabaja con jóvenes derechos sexuales y reproductivos, forma parte de la escuela de liderazgos feministas que imparte COFEMO, colabora con su familia en la producción de hortalizas y al mismo tiempo se dedica a la elaboración de prendas artesanales bordadas y tejidas en telar tradicional, ha decidido quedarse en a vivir en su comunidad y continuar su incidencia social:

“siempre me ha gustado vivir en mi comunidad a pesar de tantas barreras, tantas injusticias, me gusta mucho el clima, el ambiente y si me han ofrecido trabajos en San Cristóbal de Casas que los he rechazado porque siento que en mi comunidad hace falta muchas cosas por trabajar y ahora que veo a compañeras que son líderes en la escuela, y eso me fortalece verlas tan empoderadas y eso me motiva a seguir creciendo mi luz, mi chispa, mi espíritu, mi alma y pues creo trabajar un tiempo en San Cristóbal y no dejar mi comunidad y seguir trabajando a favor de las mujeres, tengo experiencia y conocimientos para trabajar con mujeres y niñas, adolescentes, eso me hace brillar, avanzar más y sobretodo que nunca se me olvide trabajar en grupo de mujeres porque yo solo no puedo cambiar ideas y sobretodo usos y costumbres pero si trabajamos todas juntas es posible”

La vinculación social desde la principal universidad pública del estado es un trabajo que realizamos con la convicción de que los conocimientos y avances científicos y tecnológicos deben estar al servicio de la comunidad para mejorar la calidad de vida de todas las personas, tarea que no es posible sin el involucramiento de todos los actores

sociales que día a día construyen otras formas de vida.

Estoy convencida de que la toma de conciencia personal es importante para analizar la propia realidad y su interacción con las relaciones que establecemos a lo largo de la vida, y que éstas están en función de modelos de pensamientos y económicos imperantes en un contexto histórico específico, así como con la geopolítica; lo anterior es imprescindible para posicionarnos de forma colectiva, para buscar derechos, justicia social, construir un mundo donde la premisa sea el bienestar individual y colectivo; Marcela Lagarde dice "...el tránsito de tener conciencia de ser mujeres, a tener conciencia de que a las mujeres nos pasan cosas, desarrollar de esto una conciencia política y luego asumirla como causa de una colectividad, es un proceso muy complejo y complicado. Pero además de asumirnos como feministas es más complicado todavía, a veces tardamos 20 años en adquirir la conciencia de que a las mujeres nos pasan cosas, que en preciso intervenir y participamos; pasan 20 años hasta que un día decimos a trancazos, un poco con la lengua engarrotada, que somos feministas", por ello debemos seguir de forma colectiva analizando I@saliad@s, I@senemig@s y creando formas para romper con la opresión y subordinación.

REFERENCIAS

Bauman, Z. (2005) *Ética posmoderna*. México: siglo XXI

Burín, M., Dio Bleichmar, e. (1996) *Género, psicoanálisis y subjetividad*. Argentina: Paidós

Chant, S., Craske, N. (2007) *Género en Latinoamérica*. México: CIESAS

Cuevas, A. (2014) *Familias, género y emociones aproximaciones interdisciplinarias*. México: Juan Pablos Editor

Erikson, E. (1994) *Un modo de ver las cosas*. México: Fondo de Cultura Económica

Olivera, M. (2011) *Mujeres marginales de Chiapas: situación, condición y participación. Región de Los Altos territorio en disputa y resistencia cultural*. México: UNICACH

Ranciere, J. (2004) Política, identificación, subjetivación. En *Metapolítica*, 36 (8), 26-32.

Vasallo, N., (2012) Subjetividad femenina y cambio social en Cuba. En Carosio, A. *Feminismo y cambio social en América Latina y El Caribe*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO.

Vélez, g. (2008) *La construcción social del sujeto político femenino. Un enfoque identitario-subjetivo*. México: UAEM

Zárate, N. Ledesma, G. (2019) *Narrativas disciplinarias en investigaciones sociales*. México: UNACH

Zapata, E., Mercado, M. López, B. (1994) *Mujeres rurales ante el nuevo milenio*. México: Colegio de Posgraduados

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 1, 3, 6, 7, 14, 15, 16, 19, 24, 30, 36

Afetividade 66

B

Brasil 7, 8, 9, 10, 13, 14, 19, 22, 23, 27, 34, 35, 41, 42, 47, 71, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 104, 108, 110, 111, 113, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 151, 158, 165

C

Campanhas 10, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 119, 123, 124, 126, 138, 162

Capitalismo 85, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 132, 160, 161, 162, 163

Classe 28, 39, 62, 69, 71, 74, 76, 77, 78, 79, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 128, 129, 147, 161, 163, 164

Conflitos 1, 6, 22, 93, 94, 118, 156, 159

Costumbres 49, 50, 52, 53, 56, 57, 58, 59

Cultura 2, 14, 17, 25, 26, 33, 34, 42, 46, 50, 55, 57, 60, 78, 115, 128, 134, 137, 140, 142, 144, 146, 151, 161, 166

Cultura do herói 140, 142, 144, 151

D

Desafios 1, 4, 8, 24, 138

Desigualdade de gênero 163

Direitos humanos 26, 48, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 150, 158, 163, 165

Discurso 16, 18, 57, 110, 111, 113, 115, 122, 123, 125, 126, 132

Dissidência 61, 64, 65

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 29, 31, 33, 35, 46, 82, 84, 110, 115, 124, 126, 129, 131, 134, 144, 147, 148, 149, 151, 166

Educação sexual 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 124

Envelhecimento 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 46, 48, 129, 166

Escola 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 93, 115, 128, 141, 145, 151, 155, 157

Etnia 55, 56, 72, 84

F

Família 2, 3, 5, 6, 7, 9, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 36, 61, 63, 74, 90, 91, 93, 99, 100, 101, 145, 146, 148, 155, 156, 157, 160, 161, 166

Feminino 4, 31, 32, 33, 38, 42, 43, 45, 80, 118, 124, 130, 141, 143, 146, 154, 155, 157, 158, 160, 161, 164

Feminismo 39, 51, 52, 60, 78, 81, 84, 85, 91, 92, 95, 147, 151, 152, 162

G

Gênero 4, 6, 14, 17, 19, 22, 26, 30, 36, 38, 39, 41, 42, 45, 47, 61, 62, 64, 66, 67, 68, 70, 71, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 91, 94, 95, 96, 108, 110, 112, 116, 117, 118, 121, 122, 124, 128, 129, 130, 131, 134, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 150, 152, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166

H

Homossexualidade 3, 118, 123, 124, 125, 132, 136

I

Identidade 4, 6, 9, 12, 22, 65, 68, 77, 115, 128, 129, 130, 139, 141, 142

Igualdade de gênero 22, 108, 129, 130, 140, 141, 142, 150, 152

Interseccionalidade 67, 68, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 93

J

Jovens 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 18, 19, 21, 22, 23, 25, 27, 28, 40, 43, 44, 46, 117, 123, 143, 144

Juventude 11, 33, 34, 39, 166

L

Lesbianidade 61

LGBTQIA+ 5, 110, 111, 112, 113, 115, 124

Liberdade reprodutiva 98, 99, 102

M

Masculinidades 65, 118, 121, 147, 151, 152, 153

Masculinidade tóxica 140, 141, 143, 144, 145, 146, 150, 151, 152

Mitos 25, 29, 30, 33

Modos de criação 140

O

Opressão 29, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 77, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 93, 94, 130,

157, 158, 161

P

Patriarcado 85, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 147

Pessoas trans 128, 129, 130, 138

Política 31, 40, 46, 51, 60, 63, 75, 79, 81, 88, 90, 96, 103, 128, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 144, 157, 158, 160

Políticas públicas 4, 5, 10, 11, 12, 40, 51, 59, 82, 85, 125, 129, 131, 134, 135, 136, 137, 139, 142, 155, 158, 164

População 27, 28, 33, 34, 35, 40, 42, 46, 80, 81, 82, 90, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 123, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 144, 146, 147, 150, 158, 160

Prevenção 6, 7, 9, 14, 19, 20, 21, 23, 106, 110, 112, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123, 124, 126

R

Raça 39, 62, 72, 77, 78, 79, 84, 85, 92, 128

Reprodução assistida 97, 98, 100, 101, 108, 109

Rupturas 49, 56, 132

S

Saúde 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 19, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 35, 36, 37, 40, 42, 45, 46, 47, 77, 82, 96, 100, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 141, 142, 145, 151, 152

Sexo 2, 3, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 22, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33, 43, 44, 45, 47, 68, 72, 77, 78, 80, 83, 92, 100, 101, 109, 111, 114, 117, 118, 125, 138, 141, 158, 160, 161

Sexualidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 62, 63, 64, 92, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 132, 134, 141, 150, 165, 166

Sociedade 3, 4, 5, 6, 9, 12, 13, 19, 25, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 37, 42, 43, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 81, 83, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 103, 105, 111, 114, 120, 121, 124, 125, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 160, 161, 163, 166

T

Tabus 1, 2, 7, 8, 10, 17, 19, 21, 25, 26, 27, 29, 30, 33, 121

Tecnologias da informação e comunicação 38, 40, 42, 46

Tecnologias digitais 38, 47

Terceira idade 25, 27, 28, 29, 34, 35, 36, 37, 39, 42, 43, 46

Transexualidade 127, 129





Transfobia 127, 128, 130, 138

Travesti 61, 62, 63, 65, 111, 127, 139





V

Velhos 41, 43, 44, 46

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br